

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: REFERENCIAL TEÓRICO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

*Theory of social representations: theoretical framework of
the discourse of the collective subject*

*Teoría de las representaciones sociales: marco teórico del
discurso del sujeto colectivo*

Clarice Cunha Miguel¹

Roseli Ferreira Matos¹

Elaine Rossi Ribeiro²

A Teoria das Representações Sociais foi apresentada inicialmente por Serge Moscovici, psicólogo social romeno naturalizado francês, em sua obra de 1961 “A psicanálise, sua imagem e seu público”. Neste trabalho, o autor faz uma análise da percepção da população francesa sobre a psicanálise de Freud, na década de 1950. Apesar do impacto inicial que a obra causou aos intelectuais da época, a teoria em si não despertou especial interesse, isso só viria a acontecer em décadas posteriores, com o avanço de pesquisas sobre o tema¹.

A partir dos trabalhos do sociólogo e antropólogo Émile Durkheim, Moscovici constrói uma importante crítica à natureza individual no âmbito das representações coletivas. Durkheim distingue as representações individuais como inclusas no domínio da psicologia e as representações coletivas, como domínio da sociologia².

Desse modo, as representações coletivas se constituem em fato social, e conseqüentemente resultam em uma consciência coletiva, não podendo ser tratadas sob uma ótica individual. Moscovici, entretanto, coloca que a representação social deve ser compreendida de forma ampliada, considerando o contexto psicológico individual, mas também a influência social e cultural³.

¹ Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Ensino nas Ciências da Saúde das Faculdades Pequeno Príncipe. Curitiba, Paraná.

¹ Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Ensino nas Ciências da Saúde das Faculdades Pequeno Príncipe. Curitiba, Paraná.

² Docente do Programa de Pós-Graduação Ensino nas Ciências da Saúde das Faculdades Pequeno Príncipe. Curitiba, Paraná.

Autor de Correspondência:

* Clarice Cunha Miguel. E-mail: clarice.cunhami@gmail.com

Morera⁴ afirma que a “noção de Representação Social está na relação proporcional do psicológico e do social”. Segundo o autor, está relacionado à forma como os sujeitos apreendem conhecimentos do senso comum, que, por sua vez, se constitui a partir de experiências individuais de outros sujeitos sociais. Portanto, é um conhecimento partilhado dentro de determinada sociedade. Morera⁴ conclui:

Em outras palavras, a representação funciona como um sistema de interpretação da realidade, que dirige as relações dos indivíduos com seu entorno físico e social, já que determina seus comportamentos, condutas e práticas⁴.

Outros autores vem corroborar com o afirmado por Morera⁴. Nogueira¹, por exemplo, afirma que:

A Teoria da Representação Social é um modelo teórico que tem como finalidade compreender e explicar a construção dos conhecimentos estabelecidos pelo grupo, a teoria leiga, que se dá a partir do senso comum¹.

A autora ainda destaca a importância de não atribuir todo conhecimento de senso comum às representações sociais, reforçando que a temática deve ser relevante culturalmente para o grupo estudado. Isso implica que uma mesma representação social não se aplica a grupos sociais diferentes, principalmente no que concerne a situação social e econômica¹.

Minayo⁵, Oliveira *et al.*⁶, Rocha⁷, entre outros autores, estão de acordo ao reforçarem que as RS são reflexos das sociedades e trazem em si suas relações com o cotidiano, o conhecimento produzido pelo grupo pertencente e ainda que são expressões “dos interesses e do dinamismo específicos dos grupos e classes sociais”⁵. Algumas representações são mais abrangentes, refletindo toda a visão de mundo de uma sociedade de determinada época, comumente, estas são as concepções das classes dominantes⁸.

Rocha⁷ afirma que o principal objetivo não é identificar representações passadas, mas as da sociedade atual, considerando o conhecimento produzido no presente. Reforça ainda que este é “relativo a quem fala e de onde fala [...] salientando a importância do grupo de pertencimento”⁷.

Portanto, é importante ressaltar que as representações sociais são construídas e atravessadas pela linguagem da sociedade que está sendo ouvida, sendo a fala seu principal instrumento. Minayo⁸ afirma que as representações sociais se manifestam de diversos modos, mas que a linguagem é a sua mediação privilegiada. Rocha⁷ corrobora com a autora ao se referir à linguagem como o instrumento utilizado pelos sujeitos para atribuir significado às suas realidades.

Por todas as características já citadas, Jodelet⁹ descreve as RS como “fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social”. A autora reconhece as RS como sistemas de interpretação que regem a relação sujeito-mundo-sociedade, a partir da comunicação social. Os fenômenos de difusão e assimilação de conhecimentos e de identificações pessoais e sociais tem impacto relevante em questões de pertencimento social em grupos, com implicações afetivas e potencial de gerar grandes transformações sociais⁹.

O conceito de Representações Sociais é de extrema relevância para pesquisa qualitativa, principalmente no tocante da sua prática, desde a realização de entrevistas até observação de campo⁵. Sua utilização como referencial teórico, principalmente na área da saúde, “tem contribuído para a compreensão e estruturação de comportamentos e ações frente a determinados fatos relacionados ao processo saúde-doença”⁶.

Por seu caráter dinâmico e mutável, de acordo com a sociedade ou grupo a ser ouvido, ao período histórico e ao tema a ser estudado, as representações sociais não se utilizam de um único método, mas de muitos⁷. Por ter a linguagem como principal fonte de informações, o encontro e a escuta dos sujeitos é parte essencial desses métodos.

É um referencial que busca a construção do conhecimento científico se utilizando do ato de pesquisar de forma ampla ou seja, explorando o objeto estudado e correlacionando-o com paradigmas existentes e reconhecidos pela comunidade científica⁷. Sousa e Souza¹⁰, corroboram com o autor, ao ressaltar que as

representações sociais “apresentam a oportunidade de compreendermos a articulação entre o saber científico e o conhecimento de senso comum que os grupos sociais estabelecem”.

As autoras ainda ressaltam que a utilização da teoria das representações sociais possibilita a investigação de situações específicas como o processo de criação de conceitos, o que poderia nortear intervenções focadas¹⁰.

Dentre os muitos métodos que utilizam a Teoria das Representações Sociais como referencial teórico, neste ensaio vamos nos ater ao Discurso do Sujeito Coletivo.

Oliveira *et al.*⁶ destaca que:

A Teoria das Representações Sociais tem sido um referencial teórico de relevância no campo da pesquisa em saúde e a utilização do Discurso do Sujeito Coletivo apresenta-se como um método sistemático para tratamento e análise dos dados em pesquisas fundamentadas pela Representação Social. O uso desse recurso teórico-metodológico favorece a construção do discurso que representam indivíduos além de permitir maior confiabilidade e objetividade na pesquisa qualitativa⁶.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi desenvolvido a partir da década de 1990 pelo casal Fernando e Ana Maria Lefevre, professores da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Os autores descrevem o DSC como um método de resgate das Representações Sociais, descritas por Moscovici e discutidas anteriormente¹¹. Nesse sentido, segundo Costa Marinho¹², o DSC é utilizado para conhecer e descrever essas representações, possibilitando promover e reestruturar ações e políticas públicas sobre o tema pesquisado.

Diversos autores se referem ao DSC como uma técnica de tabulação de dados qualitativos¹³⁻¹⁴. O próprio casal Lefevre se refere à sua teoria como uma técnica de processamento de depoimentos, dedicado a reunir conteúdos de depoimentos com sentido aproximado e organizar tais conteúdos em categorias semânticas de acordo com o sentido exprimido¹⁵⁻¹⁶.

O diferencial do método, entretanto, reside no fato de que a partir de cada categoria, com seus conteúdos individuais, porém semelhantes, é produzido um discurso único, na primeira pessoa do singular, produzindo um efeito de “coletividade falando”¹⁶. Ou seja, a construção desse discurso, a partir de diversos discursos individuais, busca reconstituir as representações sociais de um grupo mantendo sua dimensão individual, porém articulando com a dimensão coletiva^{11,15}.

Segundo Oliveira Júnior, Pacagnan e Marchiori¹⁷, o DSC “preocupa-se com a criação de uma ponte entre o senso comum e o conhecimento científico partindo da reconstituição de um pensamento coletivo”. Genaro *et al.*¹⁴, Oliveira *et al.*⁶ e Duarte, Mamede, Andrade¹⁸ corroboram com essa ideia ao afirmar que a técnica visa desvelar como as pessoas pensam, atribuem sentido e se posicionam sobre um tema específico através da construção do pensamento coletivo. “Trata-se de um compartilhamento de ideias em determinado grupo social”¹⁸.

Nesse sentido, cabe destacar que o que é descrito no discurso final não é uma criação do pesquisador, mas a reconstituição de uma realidade percebida pelo grupo estudado, um fato social. As expressões individuais passam por um crivo analítico do pesquisador, que inclui operações de abstração e conceituação específicas, sendo assim considerados produtos cientificamente tratados. O que é interpretado a partir do discurso é o que pode ser considerado de inteira responsabilidade do pesquisador¹¹.

Ainda considerando seu aspecto científico, é importante comentar o que Lefevre¹⁶ se refere como “a questão da amostragem”. Ele reforça que, se tratando de pesquisas empíricas de opinião, a amostragem deveria estar relacionada tanto à quantidade quanto à qualidade das informações coletadas, o que requer a escolha cuidadosa dos sujeitos a serem abordados¹⁶.

O âmbito qualitativo do método portanto, é facilmente estabelecido e se relaciona diretamente aos discursos coletados, considerando o que eles são capazes de revelar, sua profundidade subjetiva, a dimensão

social e a capacidade dos mesmos de responder as perguntas propostas pela pesquisa¹⁹. Figueiredo, Chiani, Goulart¹³ apontam que esses discursos geram um painel das representações sociais e buscam “com base numa série de artifícios metodológicos, resgatar o pensamento coletivo de uma forma menos arbitrária do que geralmente ocorre em uma pesquisa qualitativa”.

Através destes artifícios metodológicos é possível quantificar a frequência com que cada categoria semântica aparece entre os indivíduos, considerando o peso relativo e expressa em porcentagem. Ou seja, não é necessário um grande número de participantes para a pesquisa, mas apenas o suficiente para que o potencial explicativo de cada categoria seja convincente para explicar o fenômeno^{13,14,18}.

Para isso, é também essencial que seja considerada a diversidade do grupo escolhido, retomando o que já foi apontando anteriormente sobre a importância da escolha da amostragem. A quantidade de pessoas deve ser proporcional ao fenômeno estudado e considerar paridade de outras categorias sociodemográficas que possam impactar (gênero, escolaridade, renda, etc).

Considerando todo o exposto, Costa Marinho¹² reforça que o aspecto quali quantitativo do DSC é marco importante no cenário das pesquisas de representação social e justifica:

Antes apenas qualitativas e, por isso, consideradas insatisfatórias pela impossibilidade de generalizar resultados, porém, pretensamente mais aprofundadas. Por sua vez, as pesquisas quantitativas, cuja característica principal é gerar as quantidades e as distribuições estatísticas das opiniões em uma dada coletividade, não alcançavam os aspectos desejáveis em pesquisas dessa natureza. Na proposta quali quantitativa do DSC, é possível estudar as duas dimensões nas pesquisas de opinião¹².

Em seu trabalho “Discurso do Sujeito Coletivo: Nossos modos de pensar, nosso eu coletivo”¹⁶, Fernando Lefevre descreve cinco etapas do processamento dos DSC: obtenção dos depoimentos, redução do discurso, busca do(s) sentido(s), categorização e discursos do sujeito coletivo. Faremos uma breve apresentação de todas as fase, articuladas com a presente pesquisa.

Sobre a obtenção dos depoimentos, o autor destaca que o essencial para um DSC bem-sucedido é que os depoimentos sejam “ricos, espontâneos e verdadeiros”¹⁶, e estipula algumas regras de elaboração das perguntas para que isso ocorra. Entre elas, vamos comentar apenas que as perguntas devem ser amplas, sem conter respostas induzidas, porém devem atender claramente a um único objetivo¹⁶.

A coleta dos depoimentos pode ser individual ou em grupo, de acordo com as características de cada projeto. A forma mais disseminada no uso do método, são as entrevistas individuais abertas ou semiestruturadas. Essa abordagem possibilita um ambiente livre de interferências para que o entrevistado possa expor suas opiniões de forma segura. Além disso, oportuniza que o entrevistador conduza a entrevista, estimulando o discurso espontâneo.

A etapa seguinte, a qual o autor denomina redução do discurso, é onde surgem as especificidades da metodologia, através das figuras metodológicas. A primeira que destacamos são as Expressões-Chave (E-Ch), que se tratam dos trechos mais significativos de cada pergunta^{16,20}. Genaro *et al.*¹⁴ ressalta que esses recortes devem representar unidades significativas do discurso e proporcionar a visão autêntica do participante da pesquisa.

Durante a etapa de busca do(s) sentido(s), surge a figura metodológica de Ideias Centrais (IC), que são formulações sintéticas do pesquisador que descrevem os sentidos dos conteúdos destacados na fase anterior. Nesse momento, o pesquisador cria uma “etiqueta semântica” podendo se utilizar de palavras que não se encontram nos depoimentos colhidos.

Lefevre¹⁶ destaca que: “A IC difere da EC (E-Ch), porque diz respeito ao(s) sentido(s) do depoimento enquanto a EC diz respeito ao(s) conteúdo(s) deste”. Por isso, tem papel crucial na síntese dos depoimentos, as ICs vão guiar a construção dos DSC posteriormente¹⁴.

Além das ICs, essa etapa contempla as Ancoragens (AC), que podem ou não aparecer nos discursos. Elas descrevem “não o sentido, mas as ideologias, os valores, as crenças, presentes no material verbal das respostas individuais ou das agrupadas”²⁰.

A etapa de categorização consiste em agrupar ICs ou ACs semelhantes, com uma marca de identificação que possa distinguir os tópicos destacados²⁰. Sobre esse processo é importante destacar que, no que concerne a metodologia do DSC, essas categorias são obtidas por indução, ou seja, é respeitado o depoimento colhido nas primeiras etapas¹⁶.

Por fim, a última etapa consiste na produção do DSC. O autor simplifica: “O DSC reúne o conjunto de conteúdos e dos argumentos presentes nas respostas de sentido semelhante que foram agrupadas numa Categoria”¹⁶. Sua característica mais marcante é o fato de ser redigido na primeira pessoa do singular. Isso se dá para representar o pensamento coletivo que está presente no depoimento de cada indivíduo. Lefevre e Lefevre²⁰ se aprofundam nessa ideia e complementam: “O DSC é um discurso coletivo que, para sinalizar que a sociedade se impõe ao indivíduo pela internalização inconsciente de seus discursos, precisa ser enunciado na primeira pessoa do singular”.

O DSC, com suas etapas metodológicas rigorosas, possibilita a síntese de múltiplas vozes em um discurso coeso, preservando a riqueza qualitativa dos dados enquanto quantifica sua recorrência. Assim, essa perspectiva teórico-metodológica não apenas amplia a compreensão sobre fenômenos sociais, mas também fornece subsídios para intervenções mais efetivas, alinhadas às necessidades e visões dos grupos estudados.

Zermiani *et al.*¹⁹, destaca diversos aspectos positivos da aplicação da metodologia, inclusive uma apresentação de resultados que “confere espontaneidade e naturalidade às representações sociais” e “conteúdos significativos e seus detalhamentos acerca de uma mesma opinião”, reforçando ainda que, por essas características, a técnica possibilita a apresentação de resultados mais densos.

Em suma, a Teoria das Representações Sociais, desde suas origens com Serge Moscovici, estabeleceu-se como um arcabouço teórico indispensável para compreender a construção e o dinamismo do conhecimento partilhado em uma sociedade. Ao transcender a dicotomia entre o individual e o coletivo, a TRS nos permite apreender como as experiências cotidianas e as influências socioculturais se traduzem em sistemas de interpretação da realidade que guiam comportamentos e práticas. A linguagem, como sua mediação privilegiada, revela a complexidade e a natureza ativa dessas representações.

Nesse cenário, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), surge como uma ferramenta metodológica de notável relevância. Sua capacidade de sintetizar depoimentos individuais em um discurso coletivo, na primeira pessoa do singular, oferece uma ponte singular entre o senso comum e o conhecimento científico. O DSC não apenas resgata as representações sociais de forma sistemática e transparente, mas também confere densidade e naturalidade aos resultados, permitindo uma compreensão aprofundada do pensamento de um grupo.

A articulação entre a Teoria das Representações Sociais e o Discurso do Sujeito Coletivo, como demonstrado, constitui um referencial teórico-metodológico robusto para pesquisas qualitativas, especialmente na área da saúde. Ao possibilitar a investigação de como os grupos sociais compreendem e se posicionam sobre temas específicos, essa abordagem não só enriquece o conhecimento científico, mas também oferece subsídios valiosos para o planejamento e a reestruturação de ações e políticas públicas, garantindo que estas estejam alinhadas com a realidade percebida e vivida pela coletividade.

REFERÊNCIAS

1. Nogueira K, Grillo MD. Teoria das representações sociais: história, processos e abordagens. *Res Soc Dev* [Internet]. 2020 [citado 16 set 2024]; 9(9):1-17. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/6756/6274>
2. Farr RM. Representações sociais: a teoria e sua história. In: Guareschi PA, Jovchelovitch S (Org.). *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 1995. p. 31-59.
3. De Castro Crusoé NM. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. *Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação* [Internet]. 2014 [citado 26 set 2024]; (2):105-14. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/aprender/article/view/3065>
4. Morera JAC, Padilha MI, Silva DGV, Sapag J. Aspectos teóricos e metodológicos das representações sociais. *Texto & Contexto – Enfermagem* [Internet]. 2015 [citado 30 jul 2025]; 24(4):1157-65. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/JHgShKjBcxLwfCGrpkjpL5j/?format=pdf&lang=pt>
5. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec; 2014.
6. Oliveira SX, Oliveira MB, Camboim FEF, Nóbrega MMS, Lima AB, Melo, AC. Teoria das representações sociais e o discurso do sujeito coletivo como ferramentas para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas. *Temas em saúde* [Internet]. 2018 [citado 10 jul 2025]; (n.esp):126-35. Disponível em: <https://temasemsaude.com/ts/index>
7. Rocha LF. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. *Psicologia: Ciência e Profissão* [Internet]. 2014 [citado 10 jul 2025]; 34(1):46-65. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/wrWbcH7fPm37DBzk6x4JmKK/abstract/?lang=pt>
8. Minayo MCS. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: Guareschi PA, Jovchelovitch S (Org.). *Textos em representações sociais*. 3.ed. Petrópolis: Vozes; 1995. p.89-111.
9. Jodelet D. Representações sociais: um domínio em expansão. *As representações sociais* [Internet]. 2001 [citado 30 jul 2025]; 17(44):1-21. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Denise-Jodelet-2/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao/links/5c4897c3a6fdccd6b5c2eab1/Representacoes-sociais-Um-dominio-em-expansao.pdf
10. Sousa KN, Souza PC. Representação social: uma revisão teórica da abordagem. *Research, Society and Development* [Internet]. 2021 [citado 31 jul 2025]; 10(6): 1-12. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/15881/14228>
11. Lefevre F, Lefevre AMC. Discourse of the collective subject: social representations and communication interventions. *Texto & Contexto – Enfermagem* [Internet]. 2014 [citado 31 jul 2025]; 23(2):502–7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/wMKm98rhDgn7zsfvxnCqRvF/?format=html&lang=en>
12. Costa Marinho ML. O Discurso do sujeito coletivo: uma abordagem quali-quantitativa para a pesquisa social. *Trabajo Social Global-Global Social Work* [Internet]. 2015 [citado 30 jul 2025]; 5(8):90-115. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/tsg/article/view/3093/pdf>
13. Figueiredo MZA, Chiari BM, Goulart BNG. Discurso do sujeito coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. *Distúrbios da Comunicação* [Internet]. 2013 [citado 10 jun 2025]; 25(1):129-36. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931/11139>

14. Genaro LE, Marconato JV, Pinotti FE, Valsecki Júnior A, Saliba TA, Rosell FL. Discurso do sujeito coletivo: bases conceituais, enfoques e aplicações em pesquisas qualitativas. *Revista Pesquisa Qualitativa* [Internet]. 2024 [citado 9 jun 2025]; 12(32):553-69. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/739/488>
15. Lefevre F, Lefevre AMC, Marques, MCC. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Ciência & Saúde Coletiva* [Internet]. 2009 [citado 30 jun 2025]; 14(4):1193-204. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bLYcq4qWYBJnrfZzbVrZmJh/?format=html&lang=pt>
16. Lefevre F. *Discurso do sujeito coletivo: nossos modos de pensar, nosso eu coletivo*. São Paulo: Andreoli; 2017.
17. Oliveira Júnior PFP, Pacagnan MN, Marchiori M. Contribuições da metodologia do discurso do sujeito coletivo (dsc) para investigação da estratégia como prática. VI Encontro de Estudos em Estratégia [Internet]. 2015 [citado 6 jun 2025]; 8(1):37-52. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/REBRAE/article/view/14090/13523>
18. Duarte SJH, Mamede MV, Andrade SMO. Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo. *Saúde e Sociedade* [Internet]. 2009 [citado 31 jul 2025]; 18(4): 620-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JNbhZ3dKdrKGdYXJrr6m7ft/?format=html&lang=pt>
19. Zermiani TC, Freitas RS, Ditterich RG, Giordani RCF. Discurso do Sujeito Coletivo e Análise de Conteúdo na abordagem qualitativa em Saúde. *Research, Society and Development* [Internet]. 2021 [citado 5 ago 2025]; 10(1): 1-16. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348950104_Discurso_do_Sujeito_Coletivo_e_Analise_de_Conteudo_na_abordagem_qualitativa_em_Saude
20. Lefevre F, Lefevre AMC. *Depoimentos e discursos*. Brasília: Liberlivro; 2005.



DATA DE SUBMISSÃO: 19/08/2025 | DATA DE ACEITE: 20/10/2025